

# SIGNIFICAR E CONTRADIZER: UMA ANÁLISE DA IRONIA COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA NA POESIA DE JOSÉ MIGUEL SILVA

## MEANING AND CONTRADICTING: AN ANALYSIS OF IRONY AS A DISCURSIVE STRATEGY IN JOSÉ MIGUEL SILVA'S POETRY

*Ana Carolina Botelho<sup>1</sup>*

---

### RESUMO

Este artigo pretende pensar a ironia na poesia de José Miguel Silva como uma estratégia discursiva que transforma o poema em um espaço de reflexão sobre o estar-no-mundo e de denúncia das contradições vigentes na sociedade atual. Transitando entre um humor que espelha o *nonsense* da vida moderna e uma certa melancolia, a poesia irônica de José Miguel Silva faz do cotidiano a sua matéria e da linguagem a sua “arma” na luta contra o esvaziamento do sentido da palavra na sociedade comunicacional contemporânea e as incoerências do modelo econômico corrente.

**PALAVRAS-CHAVE:** José Miguel Silva. Ironia. Poesia Portuguesa contemporânea. Poesia e ética.

### ABSTRACT

This article aims to think about irony in José Miguel Silva's poetry as a discursive strategy that transforms the poem into a space for reflecting on being-in-the-world and for denouncing the prevailing contradictions in contemporary society. Transiting between a humor that mirrors the nonsense of modern life and a certain melancholy, José Miguel Silva's ironic poetry makes daily facts his subject and language his “weapon” in the fight against the emptying of the meaning in the word in contemporary communicative society and the inconsistencies of the current economic model.

**KEYWORDS:** José Miguel Silva. Irony. Contemporary Portuguese poetry. Poetry and ethics.

Pois o poema é via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. A poesia não é nada senão tempo, ritmo perpetuamente criador. (Octavio Paz)

## INTRODUÇÃO

Em “Um discurso indócil”, capítulo do recém-publicado **Devagar, a poesia** (2022)<sup>2</sup>, Rosa Maria Martelo coloca em evidência o comum “dizer e desdizer” presente nos discursos políticos, informacionais e midiáticos da sociedade comunicacional contemporânea, problematizando um claro esvaziamento do sentido da palavra, que apenas comprova a desvalorização da linguagem no mundo atual. Partindo de um exemplo do âmbito político, Martelo (2022, p. 106) questiona qual o lugar que a poesia pode ocupar nesse mundo em que, na comunicação de massa, a palavra vem perdendo o seu sentido e a sua força ao ser dissolvida em discursos vazios. Sobretudo, interessa à ensaísta portuguesa refletir de que modo a poesia pode nos tirar desse lugar.

Na esteira desse raciocínio, Martelo (2022) pensa a ética da poesia a partir de um prisma político, afinal, como argumenta, a poesia se faz na história e no tempo, e não à margem destes. Neste ponto, é difícil não lembrar do que propõe Octavio Paz, no importante **O arco e a lira** (2012), na seção do livro que objetiva discutir a relação entre poesia e história. Para Paz, a essência do poema é justamente a sua capacidade de transcender a palavra, sem se dissociar da história e da comunidade “que o alimenta e à qual alimenta” (Paz, 2012, p. 191). O ensaísta mexicano não consegue conceber a existência de um poema “puro”, construído apenas pelo trabalho com a palavra, sem que essas palavras, arrançadas nas malhas do poema, signifiquem outra coisa.

Afirmando que a poesia para se realizar em poema “sempre se apoia em algo externo a ela” (Paz, 2012, p. 191), de modo que a “experiência poética não é outra coisa senão revelação da condição humana” (Paz, 2012, p. 197), Paz reforça que os poemas têm uma característica singular devido ao trabalho engenhoso do poeta em transformar palavra comum, cotidiana, em palavra poética. O poema se torna, portanto, uma forma de “consagração do instante”:

Ao contrário do que acontece com os axiomas dos matemáticos, as verdades dos físicos ou as ideias dos filósofos, o poema não abstrai a experiência: esse tempo está vivo, é um instante cheio de toda a sua particularidade irreduzível e é perpetuamente suscetível de se repetir em outro instante, de reengendrar-se e iluminar com sua luz novos instantes, novas experiências. [...] E essa virtude de ser presente para sempre, graças à qual o poema escapa da sucessão e da história, o amarra ainda mais inexoravelmente à história. (Paz, 2012, p. 193)

Consagrando o instante, atenta ao aqui e ao agora, a poesia pode mesmo, conforme defende Martelo (2022), ser pensada como mecanismo de contradiscurso, isto é, uma “arma” de resistência ao discurso massificador,

dominante. Isso é possível porque o discurso poético, além de muitas vezes denunciar as contradições humanas, é capaz de “fornecer os instrumentos necessários ao reconhecimento dos mecanismos de esvaziamento de sentido usados na sociedade comunicacional contemporânea” (Martelo, 2022, p. 109), na medida em que o contato com a complexidade discursiva de um poema requer do leitor uma constante reflexão acerca do uso da linguagem. É como se essa reflexão linguística exigida pelo poema preparasse o leitor para também refletir sobre o uso da linguagem em outros meios, como o político e o midiático, de tal modo que é possível afirmar que pessoas que leem poesia são pessoas que afinam o senso crítico, atuam como sujeitos pensantes e podem, por efeito, resistir à alienação imposta por certos discursos na sociedade comunicacional hodierna.

Aqui vale uma breve recuperação do que pondera Alfredo Bosi (2000) sobre a relação entre poesia e resistência. Segundo Bosi, é a ideologia dominante (de essência sobretudo capitalista) que tem guiado as relações (em todos os níveis) na modernidade, processo que se intensifica a partir do século XIX e ganha maiores proporções no XX. “As almas e os objetos foram assumidos e guiados, no agir cotidiano, pelos mecanismos do interesse, da produtividade” (Bosi, 2000, p. 164), diz o crítico, e a poesia passou a não conseguir mais se infiltrar com facilidade nos discursos correntes da sociedade.

Diante dessa intransitividade — forçada — do poético na comunidade moderna é que são criadas formas de fazer a poesia sobreviver em meio hostil e surdo, levando o crítico a perceber e discutir como a resistência simbólica da poesia aos discursos dominantes “tem muitas faces” (Bosi, 2000, p. 167). Uma delas (a que, inclusive, será trabalhada neste artigo) é a face crítica, em que se percebe um apontamento, feito de maneira direta ou velada, da desordem social e política, muitas vezes se apoiando na sátira, na paródia, no canto utópico ou no discurso revolucionário (Bosi, 2000, p. 167). Propondo-se a analisar o ser e o tempo da poesia, Bosi (2000, p. 169) conclui que “o ser da poesia contradiz o ser dos discursos correntes”.

Voltando ao cerne da questão posta em ênfase por Martelo (2022), o que a crítica mostra, então, no decorrer do capítulo, usando como objeto de análise diferentes atitudes poéticas de escritores portugueses contemporâneos, é que há muitas maneiras de essa poesia portuguesa mais atual fazer resistência a esse caminho de enfraquecimento semântico que a comunidade global tem seguido. Focando no trabalho discursivo e linguístico que esses poetas têm empenhado, Martelo (2022) comunica que a poesia portuguesa contemporânea, não se prendendo mais a um contexto específico e restrito de Portugal, tem direcionado o olhar a um contexto maior, isto é, à sociedade contemporânea como um todo e à sua tendência reificadora, que organiza as relações sociais a partir da lógica do capital. A literatura não tem fugido dessa atribuição, visto que “mede força” com uma indústria cultural que tenta a todo custo submeter a arte ao cabresto do consumo.

Dentre os escritores portugueses que fazem resistência à ideologia massificadora a partir de seus poemas, este trabalho pretende pôr em cena a poesia de José Miguel Silva, poeta português que tem lançado um olhar mais atento ao mundo contemporâneo, ao progresso paradoxal da globalização, ao avanço de práticas neoliberais e à denúncia de um modelo fracassado de vida atual, mas que é vendido midiática e corporativamente como um modelo de sucesso. A partir de uma visão desencantada do presente, José Miguel Silva costuma revelar em seus poemas, pelo tom pessimista, irônico e, muitas vezes, de humor corrosivo, a maneira como enxerga a nossa sociedade: um coletivo com tendência ao egoísmo e que tem como colapso o único fim possível caso as práticas capitalistas em voga atualmente sejam mantidas.

Nessa perspectiva, a discussão que será empreendida neste trabalho quer explorar de que forma, em José Miguel Silva, a ironia aparece como estratégia discursiva para, no espaço do poema, traduzir a experiência de estar-no-mundo contemporâneo e revelar, em tom de denúncia, as contradições (e contra-dicções<sup>3</sup>) presentes na sociedade atual. Com léxico trivial, José Miguel Silva parece enxergar o poema como espaço em que, para fazer resistência a esse mundo caótico, precisa tirar do próprio cotidiano degradado o elemento da sua poesia, afinal, a preferência por temas correntes, cotidianos, promove uma comunicação maior com o leitor, que reconhece esse mundo como seu também.

## **A ARESTA CORTANTE<sup>4</sup> DA POESIA IRÔNICA DE JOSÉ MIGUEL SILVA**

A conexão entre o que defende Martelo (2022) no referido capítulo e o que José Miguel Silva pensa sobre os rumos que a sociedade comunicacional contemporânea tem tomado não se limita às escolhas poéticas do escritor português. Em setembro de 2012, no *blog* chamado **Achaques e Remoques**<sup>5</sup>, que mantinha ativo até 2022, ano da redação deste artigo, José Miguel Silva publicou um texto — que já havia sido publicado na revista **Cão Celeste** também em 2012 — intitulado “Divagações sobre o futuro da literatura numa era de ignorância programada e pré-apocalíptica”, em que reflete sobre o lugar que ocupam a literatura e o escritor num momento de desprestígio da cultura letrada e de “infantilização” do ser humano.

Para o poeta, “houve um período, entre meados do século XVIII e fins do século XIX, em que os escritores tinham o poder de influenciar as leis ou os costumes” (Silva, 2012). O final do século XIX é, como sabemos, justamente o momento em que os meios de comunicação de massa começam timidamente a crescer — para posteriormente ocuparem um grande espaço no dia a dia do corpo social — e a vida se automatiza. Segundo JMS<sup>6</sup> (2012), a indústria da imagem e da publicidade e propaganda passou a controlar o espaço comunicacional, ajudando a tornar irrelevante a figura do escritor (principalmente a do poeta) e a tirar ainda mais do radar cultural a poesia, sobrepondo a ela outros meios de expressão.

No ponto do texto do *blog* em que repercute a existência atual de “mestres da oralidade”, que surgem no vácuo deixado pela diminuição da atividade leitora enquanto há aumento da inércia espectral, seduzindo as massas com discursos vazios, é que JMS (2012) estreita o diálogo com a reflexão proposta por Martelo (2022). O poeta português também afirma que o ruído e o processo de eufemização têm imperado sobre a palavra nos sistemas de comunicação dominantes, evidenciando que

[...] não é por acaso que hoje se pretende chamar “colaborador” ao trabalhador, que ao corte de salários e à apropriação privada de bens públicos se chama “reforma estrutural”, que à resistência anti-colonialista se chama “terrorismo” e ao terrorismo de Estado “libertação”, que se chama “democracia” à oligarquia e “*lobbying*” ao tráfico de influências. Escusado é notar que este esvaziamento semântico de palavras ou conceitos, tidos como “problemáticos” para a rede de poder global, tem como propósito introduzir ruído no espaço comunicacional, para que os homens, privados dum vocabulário comum, deixem de poder comunicar entre si. (Silva, 2012)

Diante dessa tentativa geral de difundir “a surdez, a poluição lexical e a desinteligência” (Silva, 2012), qual seria o papel do escritor? A literatura estaria fadada à extinção pela falta cada vez mais alarmante de leitores? Embora não entregue, nesse texto, respostas concretas às suas incisivas indagações, JMS (2012) entende que a literatura, como mesmo diz, “teria um papel central em tão necessária despoluição da língua” e, apesar de achar difícil a missão de lutar contra o esvaziamento da palavra na sociedade contemporânea, erige — conforme vamos discutir a seguir — uma poesia que se põe contra essa prática. A própria linguagem, vítima da desvalorização, vira a “arma” com que José Miguel Silva, através do jogo da ironia, transforma o poema em espaço de reflexão e crítica, dando nome às coisas, significando numa era em que se busca o embaçamento dos sentidos.

É o que vemos, por exemplo, no modo como, no poema “It’s a wonderful life – Frank Capra (1947)”, de **Movimentos no Escuro**, publicado em 2005, o poeta utiliza a ironia para revelar a contradição existente em alguns discursos e símbolos da cultura de massa utilizados numa tentativa de embelezar a vida, numa esfera quase utópica, quando, na verdade, estamos diante de um “mundo dilatado em convulsões” (Silva, 2005, p. 17):

O flácido optimismo de Santa Claus  
num mundo dilatado em convulsões  
de morte; a estética do olha-o-passarinho,  
e nenhuma sombra, nenhuma fisga;

os três pontinhos da geral reticência  
reduzidos à ligeira e maviosa vírgula  
dos que sempre têm medo que os tomem  
por parvos ou tristes ou *losers* – ah

como eu abomino a raça dos *pagliaci*  
e dos animadores, contratados a jeito  
para negar aos simples até o direito  
à decepção e ao desespero;

quando tudo nos diz que morreram  
os sinos e apenas o espírito invisível  
dos cartões de crédito perfura, roedor,  
o níquel dos humanos corações.  
(Silva, 2005, p. 17, grifos do autor)

O poema dialoga com o filme homônimo, lançado em 1946, do diretor de cinema italiano naturalizado americano Frank Capra<sup>7</sup>. O filme, um pouco natalino, um pouco comédia romântica, entrega ao telespectador uma mensagem positiva sobre a vida, fazendo com que o título do poema seja duplamente irônico: primeiro porque ironiza a estética otimista empregada no filme, ao recuperar em tom jocoso figuras como o Papai Noel (“*Santa Claus*”, na cultura norte-americana), e também porque a mensagem do título (“é uma vida maravilhosa”, em nossa tradução) se esvai diante da realidade exposta de maneira corrosiva pelo eu lírico logo na primeira estrofe.

Nesse poema, José Miguel Silva explora a questão dos discursos contratados e construídos única e exclusivamente para oferecer o que a massa — composta por pessoas que se importam demasiadamente com a opinião pública — quer ouvir, questão parecida com a tratada no texto de 2012 de seu *blog*. Nesse mundo de aparências, em que ninguém quer ser encarado como um *loser* (um perdedor), os discursos propagados revelam uma necessidade de reafirmação constante de uma positividade fingida, que tira das pessoas o “direito/ à decepção e ao desespero” (Silva, 2005, p. 17), porque é fortalecida, pelos meios de comunicação dominantes (hoje, por exemplo, as redes sociais), a ideia de que é preciso “maquiar” aquilo que se vive e, portanto, aquilo que se fala.

Assim, a linguagem é esvaziada, porque comunica aquilo que não existe, é utilizada para torcer realidades, para ludibriar o indivíduo. Desse modo, a poesia surge como possibilidade para reapresentar esse mundo, aguçar o olhar crítico, expor as contradições sociais e devolver o sentido da palavra, deixar que elas signifiquem, ainda que seja para dizer que “[...] morreram/ os sinos e apenas o espírito invisível/ dos cartões de crédito perfura, roedor,/ o níquel dos humanos corações” (Silva, 2005, p. 17).

A escolha da ironia nesse poema como estratégia discursiva serve para expor as contra-dicções presentes na sociedade, isto é, o abismo que existe entre o que é proposto pela cultura de massa e o que é visto no cotidiano popular, fazendo do poema um espaço mesmo de reflexão sobre os usos da linguagem e sobre a sociedade de consumo capitalista. Essa ironia corrosiva empregada por José Miguel Silva em muitos de seus poemas sugere diálogo com o estudo que Linda Hutcheon, em **Teoria e política da ironia** (2000), faz dessa estratégia discursiva. Isso porque uma das muitas

“arestas” que a ironia tem e que são discutidas por Hutcheon (2000, p. 52) diz respeito justamente a uma ironia politizada, cuja aresta “subversiva”, dentre outras características, ajuda a apontar no discurso em que é empregada as complexidades da realidade histórica e social.

Nessa extensa pesquisa, Hutcheon busca compreender de que forma e por que a ironia é usada e entendida como uma estratégia discursiva, examinando os problemas da ironia e analisando suas dimensões sociais e formais, como também as consequências de sua compreensão (e da falta dela). No jogo discursivo da ironia, destaca Hutcheon (2000, p. 28), os dois principais participantes são o ironista e o interpretador, que pode ser ou não o destinatário visado por quem produziu a ironia e conta com evidências textuais ou contextuais no processo denominado pela acadêmica canadense de “jogada interpretativa e intencional”:

[...] é a criação ou inferência de *significado* em acréscimo ao que se afirma – e diferentemente do que se afirma – com uma *atitude* para com o dito e o não dito. A jogada é geralmente disparada (e, então, direcionada) por alguma evidência textual ou contextual ou por marcadores sobre os quais há concordância social. [...] os *interpretadores* “têm intenção” tanto quanto os *ironistas*, e frequentemente em oposição a eles: atribuir ironia onde ela é intencional – e onde ela não é – ou recusar-se a atribuir ironia onde ela poderia ser intencional é também o ato de um agente consciente. Esse agente está engajado num processo interpretativo complexo. (Hutcheon, 2000, p. 28-29, grifos da autora)

O interpretador, portanto, atribui sentidos e motivos, num processo complexo que envolve inferências semânticas e se constrói na lacuna que há entre o dito e o não dito. A complexidade torna-se ainda maior quando refletimos sobre a natureza transideológica da ironia (Hutcheon, 2000, p. 26), isto é, sua capacidade de transcender uma ideologia única, na medida em que “a ironia consegue funcionar e funciona taticamente a serviço de uma vasta gama de posições políticas, legitimando ou solapando uma grande variedade de interesses” (Hutcheon, 2000, p. 26-27). Em outras palavras, enquanto a ironia pode ser usada para legitimar uma autoridade, ela também pode ser construída para subverter e marcar uma oposição a essa mesma autoridade.

Essa natureza transideológica da ironia é o que permite, por exemplo, que essa estratégia discursiva tenha diferentes arestas, conforme Linda Hutcheon (2000) gosta de frisar em seu estudo. Nas perspectivas teóricas recuperadas pela acadêmica, há discussões sobre a possibilidade de a ironia servir como um procedimento para, no contexto em que é disparada, revelar um certo atrito com a realidade em questão. É por esse caminho argumentativo que ela chega à ironia como contradiscurso: uma forma de combate e uma aresta mais subversiva e politizada.

Desse modo, a ironia, como é o caso na poética de José Miguel Silva, pode funcionar como uma eficaz estratégia de oposição, “combatendo” o discurso dominante ao utilizar a própria linguagem dos discursos por ela contestados: “a intimidade da ironia com os discursos dominantes que ela contesta — ela usa sua própria linguagem como o seu dito — é a sua força” (Hutcheon, 2000, p. 54), conclui a pesquisadora. No poema de que estamos tratando, essa força é ainda mais aproveitada por JMS quando o poeta brinca com a cultura de massa norte-americana e usa palavras e contextos da própria língua inglesa para compor esse jogo afiado. Como o poeta já afirmou inúmeras vezes em seu *blog* que o capitalismo é um modelo que tende a nos levar à extinção, ter como alvo o berço desse sistema econômico para ironizar suas fissuras e contradições nos parece ser uma boa estratégia.

Também é interessante pontuar a utilização da primeira pessoa do plural — o oblíquo “nos” — no início da última estrofe desse poema. Segundo Hutcheon (2000, p. 38-39), comunidades discursivas ajudam a tornar a ironia uma estratégia possível, porque contextos discursivos e experienciais estão envolvidos — e desempenham importante papel — no processo de atribuição de ironia, de modo que, “quanto mais o contexto é compartilhado, em menor quantidade e menos óbvios são os marcadores necessários para sinalizar — ou atribuir — ironia” (Hutcheon, 2000, p. 40).

Ao buscar nas circunstâncias do cotidiano e da conjuntura socioeconômica do mundo moderno o elemento para fazer a sua poesia, tecendo a aresta subversiva da ironia, José Miguel Silva favorece a conexão com o leitor, porque ambos partilham da experiência de estar no aqui e no agora, ambos são testemunhas dos inúmeros e diversificados efeitos do insustentável modelo de vida atual. Como poeta e leitor partilham dessa comunidade discursiva, fica mais fácil para o leitor atribuir ironia nos versos que lê, preenchendo sem grandes esforços os não ditos deixados pelo escritor no poema.

Esse viés comunicativo da poesia de José Miguel Silva foi um dos tópicos abordados por Vítor Bruno Dantas Ramalhosa Ferreira em sua Dissertação de Mestrado defendida em 2016 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ferreira (2016, p. 66) aponta que JMS valoriza uma poesia que tenta encontrar o leitor, comunicar-se com ele, por meio da recuperação do real — ainda que seja uma realidade desencantada, distópica —, do léxico trivial, das construções sem opacidade semântica e, sobretudo, por meio do uso do plural, como o “nos” mencionado anteriormente, uma vez que o poeta, ao se colocar na mesma condição em que está seu possível leitor, dessacraliza a imagem do escritor e o torna companheiro, junto ao leitor, nos malogros do atual modelo de vida.

A cumplicidade atingida pelos poemas, no entanto, nem sempre é confortável. Ferreira (2016, p. 72) reforça que os versos irônicos de José Miguel Silva muitas vezes atacam o leitor, colocando-o como parte do problema, provocando-o e convocando-o a refletir sobre esse mundo que é denunciado nos versos e do qual ele, o leitor, também faz parte. É como

se o poeta português enxergasse a poesia como forma de fomento a uma consciência crítica coletiva, levando-nos a perceber que, em JMS, a dimensão ética da poesia e a responsabilidade do artista frente às questões políticas, sociais e econômicas que envolvem a todos aparecem como dois traços que não são desprezados pelo escritor. Por isso, seus “poemas promovem um lugar livre, *respirável*, que alerta o leitor para as constrações dissimuladas no mundo democrático e que paradoxalmente o *obriga a ser livre*, isto é, a pensar” (Ferreira, 2016, p. 74, grifos do autor).

Em “O Ódio – Mathieu Kassowitz (1995)”<sup>8</sup>, outro poema de **Movimentos no Escuro**, José Miguel Silva insere o leitor na cena, convidando-o a refletir sobre as situações que lhe são apresentadas nos versos que podem ser lidos a seguir:

Os adolescentes armados da Libéria e da Serra Leoa  
não sabem quem lhes pôs um gatilho na vida.  
Eu faço uma ideia, mas não digo nada. Prefiro  
comprar em DVD *O Bom, o Mau e o Vilão*.

As mortes de urânio enriquecido que disparamos  
na Sérvia são fabricadas pela Boeing e pela General  
Motors. Mas eu gosto de ir a Londres, a Paris,  
a Nova Iorque, e o meu automóvel é bastante fiável.

É verdade que não voto no bloco liberal, mas  
nem por isso sou menos culpado pelo íntimo  
holocausto dos vitelos sociais. Basta ver  
as sapatilhas que ofereci ao meu sobrinho no Natal.

Não fui eu que negociei com o régulo o despejo  
de resíduos tóxicos no mar da Somália, é verdade.  
No entanto, tenho luz em casa, água quente, combustível...  
e sexta-feira à tarde lá vou eu com a Joana para o Alto Douro.

O sofrimento dos outros, enfim, é relativo. Não vale a pena,  
só por isso, interromper o sol. A mim, pessoalmente,  
nada me dói: tenho para livros, discos, preservativos,  
e a vida que levo convém-me lindamente. Aprecio sobretudo,

e cada vez mais, as quietas florações da vida interior,  
a doméstica lida. Mas não vou dizer que não sei onde fica  
a Chechénia ou o Bairro do Cerco. Nisto sou como tu,  
leitor: custa-me ver, de manhã, o meu sorriso ao espelho.  
(Silva, 2005, p. 54-55)

A ironia nesse poema se constrói por um evidente jogo de contradições, revelando um duplo que torna complexa a existência desse sujeito contemporâneo. De um lado, a clara consciência de que existem problemas sérios no modo como vivemos e nos relacionamos com o outro na sociedade capitalista atual; de outro, a falta de atitude, fortalecida pela comodidade

de quem vive uma vida financeira estável. O eu lírico, espelhando um certo tipo de comportamento social, sabe (e tem consciência) do mal-estar civilizacional de que somos testemunhas diariamente — mortes em massa por tiroteios, bombardeios com armamento químico, poluição por resíduos tóxicos de empresas de fonte de energia —, mas não age, segue a sua rotina, transformando-se também em parte do problema.

É pela linguagem irônica que o poema se torna mais uma vez um espaço de reflexão, agora sobre o papel do indivíduo nos problemas de ordem social, política e econômica e sobre o pensamento burguês mesquinho. Podemos pensar, inclusive, numa possível autoironia<sup>9</sup>, caso enxerguemos esse eu lírico como um espelhamento do próprio poeta, que utiliza a linguagem poética para refletir sobre seu padrão de vida confortável e como essa posição de privilégios sustenta uma inércia de caráter cívico: “A mim, pessoalmente,/ nada me dói: tenho para livros, discos, preservativos,/ e a vida que levo convém-me lindamente” (Silva, 2005, p. 54-55).

Na esteira desse raciocínio, é interessante notar que, em todas as contraposições estabelecidas nas estrofes entre a consciência dos problemas e a razão para não agir ou para continuar levando os dias como são, os motivos que facilitam essa inércia são de natureza financeira, estão no campo semântico do “comprar”, do “ter”, do “consumir”: comprar um DVD, viajar para outras cidades, dar sapatilhas de presente, ter comodidades em casa, passear em vinícola portuguesa, adquirir livros e discos. Nos últimos versos, o eu lírico reforça que sabe, conforme mencionamos, do estado em que o mundo se encontra, que sabe da existência de países que vivem em conflito e que sabe que há bairros no país em que vive onde as pessoas passam pelas mais variadas necessidades. Ele sabe e sugere que o leitor também, mas entende que ambos, apesar de um certo desconforto com essa situação, afastam da cabeça essas ideias, como quem espanta uma memória ruim, e voltam à materialidade de suas vidas. É o que explica o passageiro peso na consciência ao acordar, seguido de um retorno à rotina confortável: “Nisto sou como tu,/ leitor: custa-me ver, de manhã, o meu sorriso no espelho” (Silva, 2005, p. 55).

Vale recuperar, por fim, os versos que encerram a primeira estrofe. Neles, parece haver uma ironia dirigida à sociedade que consome desenfreadamente — e deixa que crianças e adolescentes também consumam — produções audiovisuais de teor violento, com muita arma, tiro, sangue e morte. Ao recuperar o bombardeio feito por adolescentes na Libéria e na Serra Leoa, mencionando que não se sabe exatamente como esses jovens se tornaram bárbaros dessa forma e que os próprios adolescentes “não sabem quem lhes pôs um gatilho na vida” (Silva, 2005, p. 54), o eu lírico assume que faz ideia da origem de casos hediondos como o referido, mas prefere não se pronunciar — no lugar de um posicionamento, opta por “comprar em DVD *O Bom, o Mau e o Vilão*” (Silva, 2005, p. 54).

O grande ponto de discussão é que há um não dito nessa parte final e a ironia acontece quando esses versos encontram leitores que têm conhecimento do potencial negativo do consumo em excesso de produtos culturais de teor agressivo, ainda mais se feito de maneira precoce por parte de crianças e adolescentes. Esses leitores apresentam-se como integrantes de uma mesma comunidade discursiva<sup>10</sup> e conseguem, por isso, atribuir a ironia nesse contexto em que foi veiculada. É assim que aqueles que fazem parte dessa comunidade são capazes de inferir o não dito pelo poeta, caminhando pelas lacunas de sentido deixadas de propósito no poema e entendendo que o filme mencionado – **O Bom, o Mau e o Vilão**<sup>11</sup> – não foi escolhido à toa para constar nesses versos finais. Diante de mais um caso de violência, o sujeito poético escolhe se omitir e assistir a um filme de faroeste que explora justamente a violência de pistoleiros americanos, deixando claro, pelo que não foi dito, que há, atualmente, um corpo social que vivencia a violência na mesma proporção que a consome, sem perceber — e, em muitos casos, sem querer perceber — que há uma relação direta entre esse consumo e o aumento de casos como o ocorrido na África Ocidental.

No mesmo tom de denúncia, “Feios, Porcos e Maus – Ettore Scola (1976)”<sup>12</sup>, também de **Movimentos no Escuro**, torna-se outro bom exemplo de como a ironia em José Miguel Silva é utilizada para expor as contradições (e os contradiscursos) da atual sociedade capitalista. Se “O Ódio” trata das contradições morais da parcela mais abastada da população, colocando em foco a esfera pessoal da problematização, “Feios, Porcos e Maus” direciona o olhar à esfera pública ao tratar da corrupção como uma escola, por onde jovens interessados na vida política passam pelos “anos de formação” (Silva, 2005, p. 42) e aprendem a “compôr o gesto/ a interpretar humores, a mentir honestamente” (Silva, 2005, p. 42).

É certo que os interessados em explorar a carreira política para atingir objetivos de ascensão pessoal vão “frequentar” essa escola com afinco, avançando as etapas conforme os anos vão passando. Assim, os que deveriam zelar pelo interesse coletivo trabalham em função de desejos e benefícios individuais, como acúmulo de cargos importantes e riquezas, além da possibilidade de terem o ego massageado, com “nome de rua (com ou sem estátua) e flores/ de panegírico, bombardas, fanfarras de formol” (Silva, 2005, p. 43). O poema também recupera a questão do esvaziamento comunicacional ao denunciar que o discurso político tem sido elaborado para não significar, para ser dito e desdito facilmente, uma vez que, na escola da corrupção, os jovens também “aprendem a leveza das palavras” (Silva, 2005, p. 42). Mais uma vez, devemos reparar que é pela palavra poética que JMS faz resistência ao esvaziamento de sentido na sociedade comunicacional contemporânea, porque utiliza a linguagem como meio de materializar sua denúncia e de convocar o leitor a se portar criticamente diante de determinadas situações e práticas sociais.

Para concluir essa análise a respeito da aresta cortante da poesia irônica de José Miguel Silva, falemos de “Too big to fail”<sup>13</sup>, poema de **Serém, 24 de Março**, livro publicado em 2011. Nesse poema, JMS transforma em versos uma das ideias mais compartilhadas nos textos de opinião sincera e direta publicados no **Achaques e Remoques**: o fato de as maiores preocupações, hoje, parecerem ser da ordem do monetário e como o capitalismo tem impactado as percepções dos indivíduos. É o que nos mostra o eu lírico, que fala do amor a partir de um viés financeiro:

Como pode um investimento tão fiável  
garantir este rendimento crescente, numa  
diária distribuição de beijos e outras mais-  
valias, ainda por cima livres de impostos?

Embora confiasse na tua competência  
para criar valor, confesso que não esperava  
tanto quando decidi aplicar nos teus títulos  
sensíveis os meus parques activos emocionais.

O mais estranho, no mundo actual, é ser este  
um negócio sem perdedores, aparentemente  
imune ao nervosismo das tuas acções  
ou às flutuações do meu comércio libidinal.

O meu único receio é que despertemos  
a inveja dos Deuses, no Olimpo de Bruxelas,  
e que Mercado, o monstruoso titã, decida  
baixar para lixo o *ranting* da nossa relação,

deixando-nos sem crédito na praça romanesca  
e em *default* o coração. Mas não sejamos  
pessimistas. Aliás, ambos sabemos que Cupido  
nos ampara com a sua mão invisível. E mesmo

que entrássemos ambos em depressão, tenho  
a certeza de que o Estado português nos daria  
todo o apoio, concordando que um amor como  
este é simplesmente demasiado grande para falir.  
(Silva, 2011, p. 18-19)

Mesclando o léxico amoroso/sexual com o léxico financeiro — o que resulta em construções interessantes como “comércio libidinal” (Silva, 2011, p. 18) —, o poema constrói a imagem de um indivíduo que, imerso na atual lógica capitalista, não consegue se desvencilhar do meio financeiro, nem mesmo quando da elaboração de uma declaração de amor. A ironia acontece justamente nessa associação jocosa entre a exposição de expectativas de um relacionamento amoroso e o mercado financeiro, como se nem esse sentimento estivesse mais livre de ser encarado, analisado e sentido a partir da lógica capitalista/consumista.

Cabe dizer, por fim, que essa associação inusitada, em certo momento, também parece cumprir o papel de pretexto para ironizar o neoliberalismo econômico e sua premissa de que um mercado que se autorregulariza e não sofre intervenção estatal não corre grandes riscos. É importante lembrar que Portugal, assim como outros países europeus nas últimas décadas, tem vivenciado a implementação de uma série de políticas neoliberais das quais suas comunidades frequentemente se tornam reféns. O entorno político, social e econômico a que reage diretamente a poesia de JMS tem muita influência, portanto, de uma prática que prioriza a lógica individualista, a privatização dos serviços públicos e a diminuição dos direitos sociais e trabalhistas. Falando sobre a realidade dos Estados Unidos, Noam Chomsky (2020), em entrevista a C. J. Polychroniou para o **Truthout** e traduzido pelo site **Outras Palavras**, resume a experiência neoliberal, que não se limita ao Estado norte-americano:

Considere o desastre neoliberal dos últimos 40 anos. Sua essência foi anunciada desde o início com muita clareza, tanto por Thatcher e Reagan, como por seu guru econômico Milton Friedman: Não há sociedade; os indivíduos têm de enfrentar as devastações do mercado sozinhos, sem defesa, certamente sem sindicatos — que, inclusive, deveriam ser destruídos. Os governos são o problema, prejudicados pelo fato de serem parcialmente responsáveis ao público. Portanto, as decisões devem ser transferidas para mãos privadas, ou seja, o setor corporativo. E as corporações devem se dedicar exclusivamente ao auto-enriquecimento — não é um princípio da economia, mas um julgamento ético. (Chomsky, 2020)

Dando sequência ao raciocínio de Chomsky (2020), é necessário pontuar que as políticas neoliberais, quando adotadas por um governo — seja ele europeu, americano ou sul-americano —, tendem a responder ao capital e não ao social, de maneira que, diante de crises econômicas, por exemplo, diversos direitos e políticas públicas são “sacrificados” em prol da manutenção da segurança financeira da nação. Paradoxalmente, o resultado costuma ser o enfraquecimento do setor público, o aumento das disparidades socioeconômicas entre a população e o enriquecimento de grupos corporativos.

O entendimento dessa desvinculação entre a teoria neoliberal e a prática é fundamental para compreender a ironia presente nos versos finais desse último poema de que tratamos de JMS. Tendo em mente que, nessa realidade, o que impera é o “cada um por si” com vistas a salvar o Estado de uma falência financeira — o que, contraditoriamente, exclui dessa equação a preocupação com o corpo social, que do Estado também faz parte —, a confiança do eu lírico na possibilidade de uma ajuda futura vinda do Poder Público passa longe de ser uma demonstração de ingenuidade daquele que fala no poema. É, antes de tudo, mais uma farpa lançada pelo poeta através da linguagem poética, como tantas outras que buscamos evidenciar neste artigo, dando relevo à sociedade moderna em suas contradições e contra-dições.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. Poesia-resistência. *In*: BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 8. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 163-227.

CHOMSKY, Noam. Chomsky descreve a grande batalha americana. **Outras Palavras**, 1 nov. 2020. Disponível em: [https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/chomsky-descreve-grande-batalha-americana/?fbclid=IwAR3D-GbSj243BDOLrmngvfzR28mqdfKBySP1w5TT3--\\_7AEsfpuEVXeXVV5Y](https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/chomsky-descreve-grande-batalha-americana/?fbclid=IwAR3D-GbSj243BDOLrmngvfzR28mqdfKBySP1w5TT3--_7AEsfpuEVXeXVV5Y). Acesso em: 30 ago. 2022.

COGGIOLA, Osvaldo Luis Angel. As crises econômicas e a teoria marxista. **Revista de Economia Mackenzie**, v. 7, n. 3, p. 96-180, 2010. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/rem/article/view/1553>. Acesso em: 30 ago. 2022.

FERREIRA, Vítor Bruno Dantas Ramalhosa. **Não sei se a culpa é minha ou de ninguém**: a poesia política de José Miguel Silva. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2016.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MARTELO, Rosa Maria. Um discurso indócil. *In*: MARTELO, Rosa Maria. **Devagar, a poesia**. 1. ed. Lisboa: Documenta, 2022. p. 105-122.

PAZ, Octavio. Poesia e história. *In*: PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 191-256.

SILVA, José Miguel. **Movimentos no Escuro**. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

SILVA, José Miguel. **Serém, 24 de Março**. Lisboa: Averno, 2011.

SILVA, José Miguel. Divagações sobre o futuro da literatura numa era de ignorância programada e pré-apocalíptica. **Achaques e Remoques**, 25 set. 2012. Disponível em: <https://eumeswill.wordpress.com/2012/09/25/divaga-coes-sobre-o-futuro-da-literatura-numa-era-de-ignorancia-programada-e-pre-apocaliptica/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SILVA, José Miguel. Agora é distribuir o mal pelas aldeias. **Achaques e Remoques**, 15 jun. 2015. Disponível em: <https://eumeswill.wordpress.com/2015/06/15/agora-e-distribuir-o-mal-pelas-aldeias/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

*Recebido para avaliação em 06/04/2024.*

*Aprovado para avaliação em 13/05/2024.*

## NOTAS

1 Doutoranda em Estudos de Literatura do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É mediadora a distância da disciplina de Literatura Brasileira III do curso de Graduação em Letras EAD pela UFF no Consórcio CEDERJ, além de ser professora da rede particular de ensino de Niterói (Rio de Janeiro). Na pesquisa de Doutorado, tem aproximado a poesia de Carlos Drummond de Andrade e a filosofia de revolta de Albert Camus.

- 2 O texto em questão, apesar de compor o conjunto da obra lançada em 2022, é de 2011.
- 3 Pensamos “contra-dicções” como os diversos discursos dissonantes em variados setores da sociedade contemporânea.
- 4 Referência a uma expressão utilizada por Linda Hutcheon em **Teoria e política da ironia** (2000), perspectiva teórica basilar para a nossa discussão sobre a ironia como estratégia discursiva na poesia de José Miguel Silva.
- 5 Uma rápida reflexão sobre o que significam as palavras escolhidas para darem nome ao *blog* (pode-se pensar para “achaque” o significado de acusação, causar um mal-estar, e para “remoque” uma indireta, insinuação maliciosa) já deixa claro o teor dos assuntos que são tratados na página virtual e a maneira corrosiva com que são discutidos pelo autor.
- 6 Abreviação de José Miguel Silva.
- 7 No Brasil, o título do filme foi traduzido para **A felicidade não se compra**. Vale dizer que esse diálogo com a sétima arte é muito presente na poesia de José Miguel Silva, servindo de apoio para a construção de críticas sociais em muitos de seus poemas.
- 8 Referência ao drama francês em preto e branco **O Ódio** (no original, **La haine**), lançado em 1995 e dirigido por Mathieu Kassowitz. O filme retrata a violência policial no subúrbio de Paris.
- 9 No mesmo livro, “Fogo-Fátuo – Louis Malle (1963)” também lança mão de uma ironia que parece se voltar a quem fala no poema (e que abre margem para pensarmos nesse espalhamento do poeta no texto): “Eu próprio, que devia dar o exemplo,/ estou sentado na cozinha a tentar decidir-me/ entre pão com manteiga e bolachas de centeio,/ enquanto a chaleira, no fogão, assobia para o ar” (Silva, 2005, p. 34).
- 10 Comunidade sobre a qual Linda Hutcheon (2000) se debruça no referido estudo sobre ironia.
- 11 No original, **The Good, the Bad and the Ugly**. No Brasil, recebeu tradução para **Três homens em conflito**. O filme é de 1966 e foi dirigido por Sergio Leone, cineasta italiano.
- 12 Referência à comédia dramática italiana **Feios, sujos e malvados** (no original, **Brutti, sporchi e cattivi**), de 1976, dirigida por Ettore Scola. O filme denuncia, a partir do riso, como a pobreza extrema pode transformar os homens em animais.
- 13 Poema estabelece diálogo direto com o filme homônimo (traduzido no Brasil para **Grande demais para quebrar**) do diretor Curtis Hanson, lançado em 2011. **Too big to fail** explora as práticas emergenciais que líderes financeiros norte-americanos tiveram de desempenhar quando a economia dos Estados Unidos, em 2008, tinha grandes chances de entrar em colapso.